



Eleição e posse dos Conselhos FNLIJ para o triênio 2008/2011

No dia 17 de julho de 2008, reuniram-se em assembléia na Plenária Muniz Aragão, localizada no Palácio Gustavo Capanema, os Instituidores e Mantenedores da FNLIJ, para eleger a nova gestão da instituição para o triênio 2008-2011. No mesmo dia, os novos conselheiros tomaram posse. Estes são os representantes eleitos para os Conselhos FNLIJ 2008/2011:

Conselho Curador

Alexandre Martins Fontes
Carlos Augusto Mariani Lacerda
Laura Constância Athayde
Sandroni
Luiz Alves Junior
Sonia da Cruz Machado de
Moraes Jardim
Suzana Taves David Sanson

Conselho Diretor

Alfredo Gonçalves Manso Filho
Gisela Pinto Zincone (Presidente)
Ísis Valéria Gomes

Conselho Fiscal

Henrique Luz
Marcos da Veiga Pereira
Terezinha Saraiva

Suplentes do Conselho Fiscal

Jorge Carneiro
Mariana Zahar
Regina Bilac Pinto

Conselho Consultivo

Alfredo Weiszflog
Ana Ligia Medeiros
Annete Baldi
Beatriz Bozano Hetzel
Cristina Fernandes Warth

Eduardo Mattos Portella
Eny Maia

Ferdinando Bastos de Souza
Jefferson Alves
José Alencar Mayrink
José Fernando Ximenes
Lília Moritz Schwarcz
Lygia Bojunga
Maria Antonieta Antunes Cunha
Paulo Roberto Rocco
Propício Machado Alves
Regina Célia Vasconcelos Lemos
Rogério Andrade Barbosa
Sílvia Gandelman
Wander Soares

FNLIJ agradece editoras e instituições parceiras

A FNLIJ, em agradecimento às empresas que contribuíram financeiramente com as comemorações dos seus 40 anos, ofereceu um diploma especial, com uma bela ilustração de Rui de Oliveira e projeto gráfico de Christiane Mello, da Zero Produções, para o Instituto Pró-Livro e para as editoras: Ática; Brinque-Book; Companhia das Letrinhas; Edições SM; FTD; Global; Melhoramentos; Paulinas e Projeto.

Foram também presenteadas com este diploma instituições parceiras, que colaboraram com a história da FNLIJ:
Câmara Brasileira do Livro, Fundação Biblioteca Nacional, Instituto C&A, Instituto Ecofuturo, Instituto Italiano de Cultura, Ministério da Cultura, Museu de Arte Moderna, Petrobras e Sindicato Nacional dos Editores de Livros.



Rui de Oliveira criou a ilustração especialmente para celebrar os 40 anos da FNLIJ. A ilustração está sob um fundo dourado, prata e cobre, de acordo com a contribuição recebida das editoras, empresas e instituições.

PESSOA, LEITURA E SOCIEDADE

Luz María Chapela



FNLIJ
Notícias

Presenças Reais

O que falamos, fazemos, pensamos ou imaginamos vem do que aprendemos no bairro, na escola, na vida, nas relações. Também vem do que escutamos das pessoas mais velhas que nos contam de si e dos nossos antepassados. E também dos autores que nos disseram de forma íntima e pessoal.

Quando eu falo, meus autores ganham voz através das minhas palavras, que contam através dos meus relatos, que perguntam e interpelam através das minhas indagações. O que eu digo é dito por eles. Eu digo e, naturalmente, *nós* dizemos. Para que vocês, que nos escutam, agora, se apropriem, interpelem, ampliem, descartem e, uma vez recriado, o façam seu.

Gostaria de começar a falar algo óbvio: que, quando falo, eu falo de dentro de mim, que estou constituída por meu legado histórico e cultural, por meus tempos, por minhas necessidades e desejos, por amigos com quem converso e também por autores que li e que moram em mim, constituindo-me. Quando falo, eles falam em mim e através de mim e me acompanham. Estão aqui, presentes com todos nós.

Mais uma observação: sei que o que falo será escutado de cem modos diferentes e será recontado de mil maneiras também diferentes. Porque vocês que estão aqui fazendo parte deste grupo têm suas próprias identidades diversas, têm seus próprios legados e pontos de vista e estão habitados por seus próprios autores. Como na leitura, na comunicação oral, uns dizem o que é seu e os outros respondem. Desta maneira, ao sair daqui, cada um levará consigo uma recriação nova e diversa do que foi escutado. Esta é a maravilha da palavra: abre, alenta, suscita e propicia movimentos.

As Narrativas

Se nos voltarmos para o passado, podemos ver como, para o bem ou para o mal, a humanidade tem seguido os passos que marcam as grandes narrativas que ela mesma construiu. Estou falando de narrativas econômicas, culturais, ecológicas, políticas ou sociais. A experiência e a memória, quando se unem com a imaginação e o desejo, provocam relatos que *contam* como foi ou como pode ser o mundo. São narrativas que, em algumas situações dizem “era uma vez...” e que em outras vezes nos permitem dizer “será uma vez...”.

Por exemplo, um dos grandes relatos políticos que movimentou o mundo através dos séculos é o da colonização. Este relato, com mais ou menos palavras, apresenta, não somente como lícito como também como desejável, o fato de eliminar ou absorver os habitantes daqueles territórios que os poderosos desejam para si. Do ponto de vista do futuro, este relato diz: “Será uma vez uma geografia social imensa dominada por mim, por minha cultura, por meus princípios, por minhas normas e por meus projetos e nesta imensidão todos serão como eu quero que sejam e se dedicarão a fazer o que eu quero”. E basta ler qualquer manchete de qualquer jornal de um dia qualquer para entender os alcances que têm este antigo relato que ainda reina entre nós.

Também encontramos outra narrativa, neste caso cultural, que, no século XVI, Don Vasco de Quiroga imaginou e que, naqueles tempos, dizia: “Será uma vez uma aldeia indígena que, formada por comunidades diversas, fortalecerá seu tecido social ao especializar-se, para depois interagir: umas comunidades trabalharão o cobre, outras pescarão, outras cultivarão abelhas e outras mais tecerão *rattan* e bordarão. Logo, se reunirão em uma praça imensa, semana após semana, para trocar produtos sem trocar dinheiro e para contar suas coisas e celebrar suas festas”. E, em pleno século XXI, podemos ver os resultados daquele relato lendário ao contemplar os fortíssimos laços culturais que ainda unem as comunidades que vivem perto e ao redor do Lago de Pátzcuaro e que fazem parte da aldeia purépecha.

Temos outro relato muito famoso e nosso favorito que diz: “Chegará o dia em que o dinheiro, deixado ao ar, será dado a todos os que precisam e construirá melhores sociedades”. E aqui estamos dando seguimento ao relato, com imensos contingentes crescentes de pobres que ficaram com acesso a nada e com gerações futuras que nasceram endividadas.

As narrativas e os relatos são vitais e marcam não somente cursos, mas também são modos, destinos e ilusões. Estou falando de narrativas históricas, públicas, famosas, mas também de narrativas pessoais, intersubjetivas, grupais.

Suplemento
Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 37

Eric Fromm disse que o respeito não é mais que uma resposta horizontal e atenta que oferecemos àqueles que expressam seus pontos de vista diante de nós, suas ilusões, potenciais ou necessidades. Disse que por isso não podemos respeitar aqueles que não conhecemos, aqueles que não aparecem diante de nós. Propiciar a narrativa do próprio é propiciar o surgimento de sociedades respeitadas, atentas e acolhedoras nas quais cabem numerosos pontos de vista e horizontes de desejos que, sem ser idênticos e graças ao debate, ressoam, se complementam e se convertem em motores da vida de nossas sociedades.

São tão importantes as narrativas que nos contam como as que contamos porque detrás de cada narrativa há um paradigma, um sistema de conceitos e princípios, um horizonte de anseios, um conhecimento e uma experiência analisada. Do ponto de vista dos acervos: quais narrativas de outros moram nas nossas bibliotecas? Que porcentagem de narrativas de outros e que porcentagem de narrativas próprias moram nelas?

Uma das muitas maneiras que existem de entrar a uma biblioteca é entrar como uma pessoa, com os relatos próprios na mão, e em busca de narrativas de outros que ficam intensas, possivelmente antagônicas, distintas, estranhas, atrativas, ressonantes... para sustentar com elas nossos próprios debates. Quem entra assim à biblioteca, com muita probabilidade sairá enriquecido como pessoa e como membro ativo e questionador de uma sociedade plural contemporânea.

Será, pois, tarefa dos bibliotecários propiciarem aos leitores a possibilidade de identificarem e converterem em narrativas sua história própria, suas vivências, os paradigmas que os alentam e seus horizontes de anseios. E que convertam estes relatos em livros escritos por eles mesmos cuidadosamente ilustrados e encadernados, para que seus relatos formem parte do acervo. Para que eles mesmos, convertidos em autores, formem parte da oferta narrativa que a biblioteca põe diante dos corações e das mentes dos visitantes.

E será tarefa do bibliotecário identificar os relatos que moram no acervo para dar-lhes vida ao promovê-los entre os leitores, assim como para identificar ausências e sair em busca daquilo que, em sua opinião e porque conhece os usuários, está fazendo falta para a vida dinâmica e plural da biblioteca que coordena.

Talvez valha a pena deixar claro que falo de relatos históricos que trazem eventos do passado ao presente e também falo de narrativas prospectivas que desenham no horizonte outras e melhores possibilidades. Falo do reino da criatividade informada, do reino do possível, do reino da esperança que necessita contar com um espaço próprio nas nossas bibliotecas. Falo também de relatos que se constroem depois de visitar o passado, de modo paradoxal, em busca de novidades (projetos que nunca aconteceram, princípios esquecidos, outras maneiras de dar sentido à experiência, desejos originais...) como insumos significativos para novos relatos.

Para a vida da literatura, para a vida na e com as bibliotecas, necessitamos resgatar o sujeito histórico, o sujeito ativo que, com identidade própria, com conhecimento do passado, consciência do presente e anseio de futuro, sabe, deseja, imagina e mantém viva a esperança e, por tudo isso, produz novas narrativas que expressa diante dos outros, não para que prevaleçam, mas sim para que dêem lugar a debates.

Neste século XXI nos faz falta resgatar relatos já contados e, ao mesmo tempo, imaginar narrativas prospectivas que conjuguem a

biologia com a economia, a política com a cultura, a física com a semiologia ou a sociologia com a epistemologia e a literatura, na busca de uma sociedade acolhedora e para que prevaleça a vida no planeta.

Nossas Sociedades como Redes

Neste século XXI, a aventura humana tem uma característica que a singulariza: é uma aventura compartilhada. No nosso tempo, o que acontece com cada um afetarà a todos: os vivos e os que ainda não nasceram. Porque são tempos de sistemas abertos, de relações, de vínculos, de redes presenciais e virtuais que acontecem entre nós e das quais fazemos parte.

Estas redes podem nos enriquecer como pessoas e como sociedades, mas também, se nos distrairmos, podem ficar não entre nós e conosco, mas, sim, por cima de nós para nos atrapalhar: como as redes de caça atrapalham às suas presas. Dependerá muito da nossa consciência.

Posso trazer aqui, como metáfora das nossas sociedades, a teia de aranha constituída pelo vazio, pelo ar e ausência e, ao mesmo tempo, por fios firmes que pulam e comunicam entre si os nós consistentes os quais a rede cobre corpo e densidade. Assim como é: flexível, quase transparente, quase nada, quase ar, a teia de aranha representa uma estrutura sólida com geometria precisa que se balança na brisa adornada pelo orvalho e que, ao mesmo tempo, é trincheira, refúgio, centro de trabalho e casa.

Imaginem todo um desafio criativo e admirável contemplar, assim, a biblioteca, como um sistema aberto, como uma rede, como uma manifestação de nossas sociedades vivas. Imaginem um desafio identificar na biblioteca eixos estruturais, nós consistentes, laços sutis, fluxos narrativos, diálogos, armadilhas importantes, vínculos paradigmáticos ou vicissitudes provisórias. E, no uso da liberdade, imaginemos um desafio fazer uma construção conceitual autônoma da rede que desejamos para nós: acervos como o da rede de redes em que inscrevemos as nossas bibliotecas.

Se pensarmos na rede, podemos pensar no espaço. A biblioteca como espaço. E, de maneira especial, como espaço público concebido tal qual explica o brasileiro Fernando Resende: uma construção com limites flexíveis que se constitui a partir de mensagens vivas (com significados e sentidos próprios) emitidos desde muitos e bem distintos lugares por muitos e bem distintos emissores e que se colocam em debate.

Quando digo mensagens, digo narrativas, emoções, lições aprendidas, projetos, ilusões, temores, presságios, princípios, teorias, prioridades, modelos, artes, dúvidas, conhecimentos, perguntas, hipóteses, estimativas, apostas, retrospectivas, argumentos, pontos de vista, suspeitas, debates, negociações, rastros, indícios, memórias, ilusões, ritos, festas, imagens ou eventos memoráveis.

Cada mensagem viva tem propósitos, significados e sentidos. Quando as próprias mensagens circulam pelo espaço público, entram em contato, entram em diálogo e dão lugar a grandes debates que negociam significados e sentidos, rumos, modos e intenções. Por isso, quanto mais agentes diversos emitem mais mensagens diversas, mais rico será o debate e mais rico e expansível será o espaço público, que é o espaço das sociedades.

Sem afã de construir receitas, poderíamos dizer que, se alguém quer se enriquecer e enriquecer a sua sociedade, que enriqueça e alargue o espaço público manifestando-se nele, colocando a circular as imagens do desejo que sua autonomia lhe permite desenhar,

fazendo públicas suas narrativas e expandindo-as ao debate, escutando com atenção os anseios futuros e as narrativas de outros e reagindo diante deles desde a própria identidade criativa. As narrativas abertas ao outro propiciam o surgimento de sociedades formadas por pessoas e grupos que se olham e reconhecem idênticos somente a eles mesmos e que, ao mesmo tempo, respeitam as identidades diversas dos outros e, ao fazê-lo, adquirem um potencial agregador.

Neste ponto, para construir uma metáfora do espaço público como lugar habitado por mensagens de muitos, lhes convido a escutar novas recreações de pregões antigos. Habitemos o espaço com pregões.

Tô comprando tico-tico... / É roupa usada que vendo... / Trago erva santa pra garganta... / Conserto sapatos de todas as cores, sapato velhos, botas de verniz. / Churros quentes pros dentes, açúcar, cravo e canela pra moela. / Oh o desentupidor de canos de ferro e de aço! / É roupa usada que vendo... / Aoh carvão negro, carvão vegetal, compre seu carvão, um saco por um real. /

Chuchus verdes com espinhos, abrobrinha da roça e cabacinhas tenras... / Panela de barro fino, pro cozido e pro chocolate. / Laranjas redondas, tangerinas douradas, limões de casca fina e limas cortadas. / Oh amendoim tostadinho, oh milho verde cozido, oh grão-de-bico pra sopa, oh favas pra salada. /

Canários, bem-te-vis, periquitos, calhandras... / Sabão, perfume, talco em pó, talco suave, navalha pra barbear e creme pras mãos. / Batata-doce assada e quente, banana macho dourada com canela ou com geléia, envolvida em papel laminado. / Renda da Espanha, lenços de Paris, meus botões são do Porto, meus fios de Borceguí. / Pazinhas e sorvetes gelados, para os bem comportados. / Conserto colchões, dou um jeito se estão soltos, corto o tamanho. / Chegou o sapateiro, coloco tacos, costuro rasgados e reparo solas. / Fios, novelos, bobinas, carretilhas... / Vendo guarda-chuva si temos chuva, vendo sombrinhas se temos sol. / Tô comprando tico-tico...

A Biblioteca

A biblioteca, como rede, necessita oferecer tempos e espaços para a intimidade, a reflexão introspectiva, a memória, a reorganização do próprio e o diálogo íntimo com os autores. A narrativa, a expressão, o diálogo e o debate, assim como a formulação de explicações, perguntas e propostas originais que se apresentam diante dos outros, somente acontece ali onde aparecem pessoas com autonomia, com modo e rumo próprios, com paradigmas e memórias, com anseios e o contato íntimo com elas mesmas.

A biblioteca também é um lugar público. Podemos pensar na biblioteca (familiar, escolar, comunitária, universitária ou essa que é de todos e a conhecemos como *internet*) como em um grande congresso no qual aparecem, se recriam e se ligam presenças de muitos e diversos autores. E também como um congresso no qual aparecem e se ligam as recriações e novas significações que os leitores constroem a partir de suas leituras e do debate aberto que elas mesmas fazem.

Pela ação leitora, este congresso funciona como baú, laboratório, lar, barra, trincheira, catapulta, locutório, centro de meditação e de geração de idéias, argumentos, perguntas e projetos, praça pública, sala de concertos ou ágora. E, devido ao fato de ser um espaço em movimento, atrai com especial força àqueles que valorizam a novidade e o assombro. E a quem quer construir suas próprias narrativas.

A biblioteca pode ter uma grande e importante presença criativa nas nossas vidas como pessoas e como sociedades. Quando nos distanciamos dela, a biblioteca não somente permanece com seus prodígios em nossas mentes, como também nos transforma: muda nossas cidades interiores, aguça nossa imaginação, incide no que pensamos e lembramos e nos sugere novos horizontes de anseio ao por diante de nós o ainda não visto, mas já imaginável.

Por isso é importante tomar consciência da composição de nossas bibliotecas pessoais, familiares, escolares, comunitárias, planetárias... É importante identificar as presenças que moram nelas para lê-las e relacioná-las com outras e para ampliar e multiplicar estas presenças trazendo novos autores, novos relatos, novas paisagens, novos paradigmas, novos motivos de reflexão e diálogo.

Participar no desenho de uma biblioteca, acompanhar seu crescimento, colaborar na manutenção de sua vida e dar-lhe vigência é um grande privilégio, especialmente se tratar de uma biblioteca com vocação social, aberta a muitos, inclusiva, acolhedora.

Quando falo de biblioteca falo também da *mediateca* que, além de livros de papel, oferece outros materiais: livros eletrônicos, filmes, revistas, mapas, jogos, vídeos, fotos, instalações, conferências, salas de assessoria ou debate, anúncios comerciais, contos orais, dados e sistemas de dados, visitas guiadas a museus ou sítios, concertos, entrevistas ou enciclopédias abertas para que cada um de nós leia, debata, compartilhe e enriqueça os conteúdos com seus comentários. Agora, com os avanços da tecnologia, os conceitos de leitura, escrita e biblioteca têm se enriquecido e se ampliado, assim como as rotas que nos dão acesso a livros, escritores e acervos.

Entre o Concreto e o Abstrato

Quero terminar com uma reflexão especial. A vida neste nosso planeta globalizado nos pede o uso do pensamento complexo que desliga para analisar e que religa para fazer construtos novos. Também nos pede vincular o concreto com o abstrato.

A vida pede, aos habitantes deste século, levar em conta os menores detalhes, as marcas mais sutis, os rastros mais delicados que falam dos seres como únicos e diversos e nos explicam suas especificidades. Por outro lado, nos pede para construirmos grandes e maravilhosos universos compartilháveis (universos relacionados, por exemplo, com tempo, história, vida, energia, espaço, necessidade, organização, projeção, ritmo ou silêncio).

A literatura nos permite desligar as coisas e construir vínculos que as religuem de maneiras novas. Rainer Maria Rilke afirma que a função do poeta é conseguir que no mundo se unam coisas diversas que, se não fosse pelo trabalho do artista, jamais se uniriam. A poesia consegue vincular a brancura com a neve, a maternidade com o mar, a vida com o fogo ou o trabalho com a mão. O ensaio, ao ligar a realidade com a opinião pessoal, consegue relativizar o que de outra maneira poderia parecer absoluto. O correr do tempo coloca os dados concretos à consideração e, nesta relação, o tempo seleciona os eventos que darão corpo e sangue às histórias das comunidades. Algumas narrativas, para propor um ideal compartilhável, tomam um ideal abstrato, o fazem aparecer diante do leitor convertido em experiências concretas de personagens concretos e o levam passo a passo à superfície do solo, vivência após vivência. Até que, em um momento inesperado do relato, o ideal recupera sua condição abstrata e, sem perder o cheiro da terra, se eleva e volta. Assim é a vida da literatura.

Com a presença do pensamento complexo, com a diversidade

como valor heurístico e com o concreto e o abstrato se ligando e se desvinculando, a vida contemporânea nos convida a reconhecer na vida aberta das bibliotecas e nas redes de bibliotecas, um mundo nosso constelado, complexo e lúdico que nos define e no qual podemos incidir se incluímos nas redes que formam o nosso: nossas histórias e propostas, nossos pontos de vista, nossas perguntas e vivências, nossas análises, anseios e esperanças.

Ao terminar e porque desde o primeiro momento ficou estabelecido que, aqui entre nós, moram os autores, vamos dar a palavra a sete deles para escutar seus comentários, sofismas, propostas e horizontes de anseio.

Goethe: *Há uma parte totalmente anônima que vaga entre os nomes.*

Orlando Esteva: *Nesta casa de todos, ninguém fala sozinho, nem mesmo o silêncio.*

Sóror Juana: *Este amoroso tormento / que no meu coração se vê, / sei que o sinto, e não sei / a causa porque sinto. / Sinto uma grave agonia por conseguir um devaneio, / que começa como desejo / e para na melancolia. / E quando com mais ternura / meu infeliz estado chora, / sei que estou triste e ignoro / a causa da minha tristeza.*

Cernuda: *Quando nela um momento se unificam, / como um som amante, amor e amado, / os três complementários / então e antes dispersos: / o desejo, a rosa e o olhar.*

Alfonso Reyes: *Ainda que seja a força de braços, necessitamos recuperar o respeito pelas asas.*

Antonio Machado: *A primavera veio. / Ninguém sabe como foi. / A primavera veio. / Aleluias brancas / dos sarçais floridos!*

Juan Luis Guerra: *Talvez chova café no campo / que caia um temporal de mandioca e de chá / do céu uma palmeira de queijo branco / e ao sul uma montanha de agrião e mel / oh, oh, oh-oh-oh, / talvez chova café.*

De diferentes maneiras e, entre outros, estiveram presentes:

- Ackoff. *Rediseñando el futuro*. México: Limusa, 1994.
Ainsa, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México: Congreso de la UNESCO, 1997.
Bartolomé, Miguel Alberto y Barabas, Alicia Mabel. *La pluralidad en peligro*. Instituto Nacional de Antropología e Historia: México, 1999.
Bloch, Ernst. *The principle of hope*. MIT Press, 1986.
Borges, Jorge Luis. *Arte poética*. Barcelona: Crítica, 2001.
Brokman, John. *Los próximos cincuenta años*. Cairos: Barcelona, 2004.
Calvino, Ítalo. *Seis propuestas para el próximo milênio*. Madrid: Siruela, 1989.
Cebrián, Juan Luis. *La red*. Madrid: Taurus, 1998.
Davis, Mike. *Planet of slums*. London/New York: Verso, 2006.
Finkelkraut, Alain. *La ingratitud, conversaciones sobre nuestro tiempo*. Barcelona: Anagrama, 2001.
Gibbin, John. *Así de simple: el caos, la complejidad y la aparición de la vida*. Crítica: Barcelona, 2006.
González Pedrero Enrique. "Clio y la memoria", em *La Jornada*, 16 de marzo, 2003.
Huberman, Georges ALDI. *Imágenes pese a todo*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.
Huizinga, Johan. *Homo ludens*. Madrid: Emecé, 1984.
Kristeva, Julia. *El porvenir de la revuelta*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
Jabes, Edmond. *El Libro de las preguntas*. Madrid: Ediciones Siruela, 1991. (Colección Libros del Tiempo).
Levi, Primo. *Si esto es un hombre*. Barcelona: Muchnik Editores, 1998.
May, Rolo. *La necesidad del mito*. Barcelona: Paidós, 1991.
Morin, Edgar. *El paradigma perdido*. Barcelona: Kairos, 1992.
Paz, Octavio. *El mono gramático*. Valencia/Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1998.
Popper, Karl R. *Sociedad abierta, universo abierto*. Madrid: Tecnos, 2002.
Prigogine Ilya. *¿Tan sólo una ilusión?* Barcelona: Tusquets, 1983.
Resende Fernando. "Communication and public policies", Ponencia presentada en la III Conferencia de la Red Latinoamericana Childwatch Internacional". Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, julio 2006.
Rifkin, Jeremy. *La era del acceso*. Barcelona: Paidós, 2000.
Sánchez Ferlosio, Rafael. *El alma y la vergüenza*. Barcelona: Destino, 2000.
Sen, Amartya. *Desarrollo y libertad*. Planeta, 1999.
Steiner, George. *En el castillo de Barba Azul*. Barcelona: Gedisa, 2001.
Wagensberg, Jorge. *El gozo intelectual: teoría y práctica sobre la inteligibilidad y la belleza*. Barcelona: Tusquets, Metatemáticas, 2007.
Yates, Frances A. *El arte de la memoria*. Siruela, 2005.

Texto apresentado no Seminário Internacional Cultura Escrita e Atores Sociais, na 2ª FILEC - Feira Internacional da Leitura, Ciência e Literatura, realizada de 14 a 17 de fevereiro de 2008 – em Tonanzintla, Puebla, México. Organização: Conselho Puebla de Leitura/ Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica.



Luz María Chapela

tem participado com assessorias, projetos curriculares e produtos próprios no setor governamental ao longo de mais de 30 anos, com populações indígenas e migrantes. Utilizando como ferramentas o jogo e a literatura, tem realizado uma importante tarefa de recuperação de saberes e traços culturais dessas populações, que, postos em um espaço de diálogo intercultural, podem enriquecer a vida de nossas sociedades. Prestou assessoria ao Ministério da Educação de Cuba, à UNICEF e a diferentes organizações sociais. Possui uma obra, com mais de noventa títulos, publicada por distintas unidades governamentais (é autora dos dois *Libros Integrados* de Texto Nacional Gratuito para primeiro e segundo anos primários) e por diversas editoras privadas do México, Estados Unidos, Brasil e Bolívia.

Reflexões sobre leitura e LIJ –

Fascículo nº 37 • Parte integrante do *Notícias 9* – vol. nº 30/2008

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL - FNLIJ

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra
• Tradução: Ninfa Parreiras • Fotolitos
e impressão: PricewaterhouseCoopers

FNLIJ participa da 2ª FILEC, em Puebla, no México

A FNLIJ foi convidada a participar do I Seminário Internacional Cultura Escrita e Atores Sociais, na 2ª FILEC - Feira Internacional da Leitura, Ciência e Literatura, realizada de 14 a 17 de fevereiro de 2008, em Tonanzintla, Puebla, México.

O I Seminário FILEC 2008 foi organizado pelo Conselho Puebla de Leitura e pelo Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica (INAOE). O evento teve como principais objetivos: abrir um novo espaço de discussão e análise a respeito das diferentes formas que a escola, as editoras, a ciência e a sociedade, em seu conjunto, se relacionam com o material escrito e oferecer elementos de reflexão em torno das possíveis experiências de leitura que possam ser favorecidas a partir da presença de material escrito.

O público-alvo do Seminário FILEC 2008 foram professores e diretores de escolas e universidades; livreiros, editores e promotores de leitura; estudantes de magistério, pedagogia, psicologia, literatura, artes e escritores e ilustradores de literatura infantil e juvenil. O evento foi realizado no campus da Universidade de Puebla e foi bastante visitado pelos alunos da cidade.

O Brasil foi o país convidado para participar da 2ª FILEC, que contou com a presença de dois especialistas brasileiros em coordenação de programas de leitura: Elizabeth D'Angelo Serra, secretária geral da FNLIJ, e José Castilho, coordenador-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Temas e convidados do I Seminário FILEC 2008

Para debater o tema *Acesso à cultura escrita no mundo de hoje*, uma das convidadas foi a consultora independente Luz María Chapela, que apresentou a palestra **Pessoa, leitura e sociedade**. A convite da FNLIJ, Luz Chapela enviou-nos o texto desta palestra, que pode ser conhecido na íntegra pelos leitores do *Notícias*, no Suplemento que acompanha esta edição.

O tema *Panorama da literatura para crianças e jovens no Brasil - Principais escritores, ilustradores, editoras e ações institucionais* foi apresentado e debatido por Elizabeth D'Angelo Serra, represen-

tando a seção brasileira do IBBY, tendo como moderadora Verônica Macías.

Em sua apresentação, no dia 15 de fevereiro, Beth Serra parabenizou à Prefeitura de Puebla, por ter um Conselho de Leitura tão atuante, e também aos membros deste Conselho, em particular, à Alma Carrasco, coordenadora geral

da 2ª FILEC, pela oportunidade de participar de tão importante ação em favor da formação de leitores. Destacou, ainda, a importância de a FILEC já estar em sua 2ª edição. A seguir, apresentou, a partir de slides, que ela comentava, o trabalho da FNLIJ, desde sua fundação, com referências especiais à obra de Monteiro Lobato e aos autores contemporâneos de literatura para crianças e jovens que têm se destacado no cenário nacional e internacional, como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado e tantos outros.

Beth Serra também apresentou as ações da FNLIJ, ao longo de sua trajetória de 40 anos, como o projeto Ciranda de Livros, o Prêmio FNLIJ, o Concurso FNLIJ Petrobras Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura, o Salão FNLIJ do Livro, e falou sobre os parceiros da instituição, como o Instituto Ecofuturo, que desenvolve com a FNLIJ o projeto das Bibliotecas Comunitárias Ler é preciso.

Nos três dias do I Seminário FILEC 2008, diversos temas de interesse no âmbito da cultura escrita estiveram em debate, como estes: *A indústria editorial mexicana e seu compromisso com a leitura; O papel dos meios digitais no encontro com a cultura escrita; A participação da sociedade civil na promoção da leitura; Leitura, escola e diversidade cultural*.

E o Brasil também foi tema de outra conferência - *Construção da cultura leitora no Brasil - o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)*, apresentada por José Castilho, editor da Unesp, membro da Câmara Brasileira do Livro e coordenador-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), tendo como moderador Sebastián Gatti.

Além das conferências, palestras e mesas-redondas, atividades diversificadas foram oferecidas aos participantes do Seminário, realizadas no entorno do Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica: exposição e venda de livros, bibliotecas para crianças e jovens, oficinas para professores voltadas para o tema da leitura, mostras de teatro, contadores de histórias, observações astronômicas, visitas guiadas ao INAOE e às igrejas de Tonanzintla, e muito mais.

A FNLIJ enviou para os organizadores a Exposição "A Imagem do Medo nos Livros de Literatura para Crianças e Jovens", e esta



Catedral de Puebla.



Elizabeth Serra, da FNLIJ, e José Castilho Marques Neto, Secretário Executivo do PNLL.

bela mostra do trabalho dos ilustradores brasileiros foi apresentada ao público da Cidade de Puebla. Foi também organizada uma oficina com os livros da Exposição “A Imagem do Medo”, com a coordenação de Beth Serra, que propôs aos participantes que se reunissem em grupos e procurassem fazer a leitura dos textos a partir das imagens, tendo em vista que as ilustrações têm uma linguagem universal. Cada grupo apresentou sua “leitura” e, dessa forma, foi possível valorizar as ilustrações, divulgar os artistas brasileiros e integrar as línguas dos dois países.

Uma cidade histórica e encantadora é o cenário do I Seminário FILEC 2008

Puebla foi fundada em 1531 pelos colonizadores espanhóis. É a capital do estado mexicano que tem este mesmo nome.

No Brasil, a cidade se tornou bastante conhecida por ter sido a sede da famosa conferência de padres e bispos que optaram por uma ação social da Igreja Católica em favor dos pobres, movimento que recebeu o nome de Teologia da Libertação.

O Centro Histórico de Puebla, no estado de Puebla, no México é um Patrimônio Mundial da Unesco desde 1987. Nele existem belas igrejas, prédios e monumentos que são herança da arquitetura colonial espanhola. Entre os edifícios coloniais, destacam-se a Catedral de Puebla, construída num estilo neoclássico misto, e a Capela do Rosário, na Igreja de Santo Domingo, exemplo do Barroco Mexicano.

É nesta bela e histórica cidade que fica o Conselho Puebla de Leitura - CPL, uma associação civil filiada à Associação Internacional de Leitura, fundado em 2001, que tem como missão incentivar o estudo, a promoção e o ensino da leitura e da escrita. O CPL é formado por acadêmicos, professores e associados em geral que compartilham a mesma visão: contribuir para a produção cultural do país, diminuir a desigualdade social e multiplicar as oportunidades de crianças e jovens, ampliando seus horizontes através da leitura e da escrita. Conta com uma biblioteca pública de 14.000 volumes e desenvolve diversos projetos, como a FILEC - Feira Internacional da Leitura, Ciência e Literatura, em parceria com o Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica (INAOE), que em sua edição, em 2008, escolheu o Brasil como o país convidado.

Beth Serra destaca, em seu relato sobre sua participação na Feira Internacional da Leitura, Ciência e Literatura, a valorização das bibliotecas neste país: “No centro da cidade de Puebla está uma das bibliotecas mais bonitas do mundo. Muitos painéis nos jardins da universidade convidavam a visitá-la. Havia várias tendas com atividades e uma delas era uma biblioteca. O México tem esta tradição de colocar bibliotecas em feiras. Foi participando de uma feira na Cidade do México, voltada para o público infantil, que eu me inspirei para colocar uma Biblioteca no Salão FNLIJ. A biblioteca da Feira do México foi criada pela seção mexicana do IBBY”

A Conaculta - Culturas Populares e Indígenas, da Secretaria de Cultura de Puebla, edita publicações sobre a história e a cultura do país. Algumas dessas interessantes publicações, trazidas de Puebla pela secretária geral da FNLIJ, podem ser encontradas no CEDOP/FNLIJ, e também podem ser solicitadas à Conaculta, pelo e-mail: cordon366@hotmail.com

O II Seminário Internacional Cultura Escrita e Atores Sociais está programado para ser realizado de 12 a 16 de fevereiro de 2009 e a França será o país convidado.

Para mais informações:

e-mail: cplectura@puebla.megared.net.mx

Site: www.consejopuebladelectura.org



Exposição “A Imagem do Medo nos Livros de Literatura para Crianças e Jovens”.



Participantes da Oficina “A Imagem do Medo”.



Campus do Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica (INAOE).

Vencedores dos Concursos FNLIJ 2008

Os Concursos FNLIJ representam um compromisso da instituição no sentido de alcançar e consolidar alguns de seus principais objetivos, como a promoção da leitura literária para crianças e jovens, a divulgação de obras de literatura de qualidade produzidas pelo mercado editorial brasileiro, voltadas para este público leitor, o incentivo e o apoio à formação continuada de professores, o fortalecimento de práticas leitoras em escolas, bibliotecas e outros espaços de leitura, o envolvimento de pais e responsáveis em atividade de leitura compartilhada nas escolas... E muito mais.

Na edição anterior do nosso informativo – o *Notícias 8* – divulgamos a cerimônia de premiação dos Concursos FNLIJ 2008. A solenidade foi realizada no dia 26 de maio, às 18 horas, no Instituto Italiano de Cultura, no Rio de Janeiro, durante o 10º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, como parte das comemorações do 40º aniversário da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O evento foi promovido

pela FNLIJ, pela Petrobras, pelo Instituto Italiano de Cultura e pelo Consulado Geral da Itália. Nesta cerimônia foram agraciados os vencedores do Prêmio FNLIJ 2008 e dos concursos: 13º Concurso FNLIJ/Petrobras Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil, 7º Concurso FNLIJ Leia Comigo! e 5º Concurso FNLIJ Tamoios.

Na citada edição, divulgamos os resumos e fotos dos projetos premiados no 13º Concurso FNLIJ/Petrobras e o texto que foi classificado em 1º Lugar no 7º Concurso FNLIJ Leia Comigo!, na categoria Relato Real: *Leitura Partilhada: uma experiência interdisciplinar*, de Jacqueline Lopes Salgado Soares.

Neste *Notícias 9*, dando continuidade à publicação dos textos vencedores, nossos leitores poderão conhecer o Relato Ficcional classificado em 1º lugar no 7º Concurso Leia Comigo e o conto indígena que conquistou o 1º lugar no 5º Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas.

7º Concurso FNLIJ Leia Comigo 2008

Este concurso é dirigido a pais, professores, educadores, e consiste no relato de experiências de leitura compartilhada entre adultos e crianças e/ou adolescentes. Iniciado em 2002, em duas categorias (relato real e relato ficcional), este concurso encontra-se em sua sétima edição e tem divulgado textos que se destacam por sua beleza, originalidade e envolvimento com os livros de literatura, provenientes de diferentes estados brasileiros. A proposta do concurso é incentivar nas famílias o interesse pela leitura, acreditando que o adulto é, efetivamente, o mediador desse interesse da criança e do jovem pelos livros.

1º Lugar - Relato Ficcional **A menina, o ramo, a vida**

AUTORA: **Mighian Danae Ferreira Nunes**
São Paulo, SP

*Relato que associa a leitura de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, com a história de uma família de Pernambuco. Narrado por uma menina de onze anos, que recebe o livro de presente de um tio que viaja para outra cidade. Ela lê para o avô, que se identifica com a história de Graciliano Ramos e se torna uma leitora de tantas outras obras.*

Tinha uns onze anos, mas me lembro como se o amanhã fosse hoje. Ganhei um livro quase sem gravuras do meu tio Zé Pereira, ele pernambucano, eu menina de São Paulo que não tinha viajado de pau-de-arara, mas conhecia bem as dores da viagem, vó e vó contando história, vó no pé do fogão, vó pitando cachimbo quando mãe não estava em casa, mãe dizia que ele não podia, que fazia mal pro coração miúdo que ele tinha tanto pito. Mas vó, que foi para a escola só dois anos de sua vida, aprendeu uma frase bonita com um tal Drummond de Andrade, minha mãe virava as costas e ele sussurrava pra vó, que não se chamava Mariquita, mas sempre lhe dava o pito, lhe dava o infinito.

O livro? *Vidas Secas*. Naquele tempo, ele parecia enorme, não era obrigação de escola ler o tal do livro, mas eu com onze anos já tinha escolhido o meu tio do coração, Zépê era divertido e nas noites de chuva punha nariz de palhaço e inventava rimas engraçadas que ele mesmo musicava no violão velho lá de casa, era o tio mais legal do mundo. Eu ainda não entendia direito essa

história de amor além da mãe e do pai, do vó e da vó, só quando a gente cresce a gente descobre que não tem cartilha de amor, naquela idade eu amava meu tio e não sabia, mas acho que foi melhor assim; ele sabido de tudo sorria, porque eu dava bandeira quando ele me pegava no colo, sem jeito tentava retardar o sono para ele continuar a nina, o cafuné no cabelo, ele enrolando o dedo no meu cabelo encaracolado.

Meu tio me deu o livro de presente e teve de voltar para a cidade onde morava, coisas do coração, disse minha mãe quando voltou da rodoviária, disse meu vó quando ela caiu no choro, não se afobe não, filha, isso passa. Comecei a ler para me lembrar dele, também porque na orelha do livro meu tio havia escrito para uma menina de onze anos que parece mais botão de rosa, então todas as vezes que eu lia um pedaço do livro eu corria na orelha, eu olhava a letra graúda de meu tio e sorria um sorriso que, hoje eu sei, só quem ama sorri daquele jeito, essas coisas não se conseguem escrever assim, mas se tu visses a minha cara

naqueles tempos não precisaria escrever mais nada. Eu lia, mas era difícil entender todas as palavras, eram coisas da terra de meu tio, eram coisas que falavam muito de tudo que ele viveu e que por certo estaria vivendo, pensava eu.

Um dia meu vô encostou, disse que queria ouvir um pedaço da leitura, assim para distrair. Fui juntando as letras e fazendo cara de menina esperta, mas foi só quando meu vô deu uma gargalhada que não resisti e perguntei se ele entendia tudinho que estava escrevinhado ali, meu vô tranqüilo com a paz de quem conhece o infinito me disse que sim, aquelas palavras diziam sobre sua vida, sua lida com a terra, seca e imensidão de nada pela frente, o ano todo na labuta, meu vô falava e parecia que o livro tinha ganhado vida. Depois desse dia, todas as vezes que chegava da escola, antes do almoço gostoso da vó eu me sentava no chão da cozinha e vô já ia se chegando, vinha arrastando os chinelos pela casa, acendia o cachimbo no fogão e se sentava na sua cadeira de palha, era o sinal para que eu começasse a contar em voz alta sua vida em prosa. Quando queria falar pigarreava baixinho, e aí me explicava qualquer palavra ou contava um caso seu, alguma coisa que lembrava e que se parecia com os escritos de Graciliano, o Ramos; descobri em meu vô um contador de histórias melhor que a minha professora, que parecia nunca ter saído do seu apartamento no centro da cidade, que parecia não ter enfrentado cobra pela frente ou pescado peixe grande num afluyente do São Francisco.

Era chape-chape, macambira, regalado, bernal, cambada, ensebado, catinga, tremura, bolandeira, aió, capiongo, essas palavras e tantas outras, e todas juntas formavam frases inteiras de coisas sem sentido para mim, mas meu vô ia me dizendo todos os nomes, ditando, entre substantivos e adjetivos, um mundo novo de verdades tantas que faziam confusão na minha cabeça pra no final me fazer sorrir como quando meu tio Zé me chamava para dançar com ele no quintal de casa, chão forrado de estrelas. Fiquei com vontade de ter uma cachorra magrinha e esperta, para chamá-la de Baleia, assim quando meu tio voltasse, ia saber que eu tinha lido todo o presente, de cabo a rabo.

Quando descobri que Fabiano, assim como minha mãe, chamava o patrão dele de “os brancos”, entendi que aquela história era a história não só do vô mas de toda minha família, coisa mais estranha é ver sua vida assim escrita há tempos, antes de tu nascer, para todo mundo ver. E descobri também que meu tio Zé Pereira não voltaria mais, e isso foi quase na mesma época em que acabei de ler o livro. Agarrada na saia de minha vó eu disse o coração é que manda né, e então ela desatou a chorar ali mesmo no pé do fogão, não entendi. Meu vô, com toda a calma do mundo, veio da sala como sempre arrastando os chinelos e do meu lado se acocorou, para me explicar que meu tio Zé tinha coração enorme demais para esse mundo seco, que por isso ele tinha ido embora, para sempre.

Assim que toda a vez que sinto saudade de meu tio Zépê, abro um livro qualquer e me sinto, de novo, um botão em flor, ramo de vida que vez outra pode até ser seca, mas não perdeu a esperança. E sendo verde a esperança, há sempre chances de alguma coisa daí brotar. Continuemos, então, para dizer todas as palavras que ainda faltam vir ao mundo.



Mighian Danae Ferreira Nunes é formada em Pedagogia pela UNEB – BA e tem pós-graduação em História pela PUC – SP. É professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental pela rede estadual e municipal de São Paulo.

A vencedora do **7º Concurso Leia Comigo** na categoria Relato Ficcional mandou este depoimento para o *Notícias*:

“Eu leio desde os cinco anos de idade. Nas andanças pelo interior da Bahia e Minas Gerais, minha mãe me ensinou a ler com cartazes das letras pregadas no encosto da cadeira do ônibus, ia passando as paisagens e as letras, e acho que é por isso que para mim, a letra, a palavra, sempre foi matéria movente, coisa viva que me acompanha, enquanto o trem da vida segue.

E eu escrevo, escrevo desde que me entendo por gente. Que eu me lembre, desde os doze anos eu tinha um diário, onde anotava tudo aquilo que me passava pela vista. Depois vieram as distâncias e transformei diário em cartas para as amigas, gentes desconhecidas, novas amizades. Aí veio a vontade de contar histórias, histórias além da minha, e desembestei a escrever outras coisas, coisas como esse conto. Hoje eu vejo que, na verdade, para mim, a palavra se impõe. Escrever, de algum modo, sempre foi palavra de ordem na minha vida, urgências. Escrever mais e sempre. Este conto surgiu de uma conversa com uma grande amiga, história bonita e eu pedi permissão para letrar, enfeitei de palavras e escrevi, um presente pela amizade de alguns anos nessa cidade grande. Gosto de usar as palavras, de brincar com elas, de sonhar: é por isso que insisto em escrever, é por isso que ainda acredito.”

Mighian Danae também convida os leitores a conhecerem o seu blog: www.saboramii.blogspot.com

Mais informações sobre os Concursos FNLIJ podem ser encontradas nas edições 6, 7 e 8 do *Notícias*, e na página da FNLIJ – www.fnlij.org.br – acessando o link sobre o 10º Salão.

5º Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas

Este concurso é dirigido a autores indígenas, ou que possuam alguma filiação indígena, realizado como uma ação de fortalecimento da nova década dos povos indígenas (2005 - 2015) proclamada pela UNESCO. É realizado por meio de uma parceria com o INBRAPI - Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual, por meio do Núcleo de Escritores Artistas Indígenas NEARIn - INBRAPI. A partir de 2006, o concurso conta com a participação do Núcleo de Escritores e Ilustradores Indígenas – NEIL. Os textos literários de escritores indígenas, em prosa ou poesia, devem ser inéditos. Na 5ª edição do Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas, Rosilene Fonseca Pereira, do Povo Indígena Piratapuya, foi a vencedora com o conto de uma bela lenda indígena “**Kali e Taiwano no Mundo Encantado das Águas**”.

Kali e Taiwano no Mundo Encantado das Águas

AUTORA: **Rosilene Fonseca Pereira**, do Povo Indígena Piratapuya, de São Gabriel da Cachoeira - Manaus/AM

Kali era uma moça muito bonita que vivia ao lado de seus pais no Mundo Encantado das Águas, um lugar onde não existia pobreza ou tristeza, reinando apenas paz e tranquilidade.

Um dia, Kali resolveu sair de seu misterioso país mágico e falou para seus pais sobre sua decisão.

– Kali, minha filha – eles lhe disseram – você tem certeza de que deseja deixar toda essa beleza na qual vive imersa?

– Meus pais, sinto um desejo forte de conhecer outros mundos. Quero encontrar pessoas diferentes. Além disso, sinto, no coração, que preciso mesmo partir. Mas prometo voltar em breve, sã e salva.

Depois de muita insistência, ambos resolveram deixá-la partir. Porém, seus pais a aconselharam dizendo para tomar muito cuidado, pois ainda permanecia na lembrança deles o que havia sucedido há alguns anos atrás.

No passado, durante a noite de lua cheia, os habitantes do mundo das águas sempre saíam para participar das festas na Terra dos Humanos, só que as pessoas nunca os aceitaram. Como os seres marinhos viviam num universo extraordinário eram vistos como criaturas estranhas que poderiam enfeitiçar pessoas. Então, por meio de encantamentos, os pajés fechavam-lhes todos os caminhos de saída para a terra. Encantamentos estes cuja força mágica era tão poderosa que os impediria de enxergar o caminho de volta. Essa magia consistia em uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas criaturas aquáticas, além disso, eram rapidamente reconhecidas pela diferença da pele e dos cabelos.

Como Kali era a única filha, vivendo um pouco solitária, seu maior sonho desde criança era conhecer o mundo e, agora, sentia desejo de realizá-lo. E assim finalmente se viu no dia da viagem. Kali despediu-se de seus pais e partiu. A jovem conseguiu aparecer no Mundo dos Humanos sem que ninguém percebesse. Kali surgiu da água em frente à ponta de uma grande praia e, à medida que foi caminhando, suas pegadas foram ficando na areia. Andou por uma trilha em direção à mata. De repente, ouviu risadas de jovens e crianças. Continuou caminhando e ao longe escutou os velhos conversando. Tentou chegar mais perto e logo enxergou uma enorme casa com o teto de palha: uma grande maloca. De dentro da maloca ouviam-se risadas e mulheres conversando. Curiosa, Kali aproximou-se para ver. Naquele momento, as crianças que brincavam na frente espantaram-se e saíram correndo. Foram contar para

os mais velhos que haviam visto uma moça muito bonita e diferente chegando à maloca. Os velhos, espantados, correram para encontrá-la. Kali ficou parada sem dizer nada. Velhos, crianças, jovens todos saíram espantados para conhecê-la. Então, logo o chefe disse:

– Alguém deve ser responsável pela aparição da moça. E complementou – é por isso que nossos antepassados sempre recomendavam que nunca devêssemos desobedecer aos conselhos dos pajés.

Ao redor dele, todos cochichavam, desconfiando que alguém da aldeia houvesse feito algo errado na maloca. Como todos estavam reunidos, o cacique perguntou:

– Será que alguma das moças desceu para o rio sem a defumação de ervas de proteção do pajé?

O silêncio era total e não houve respostas. O pajé continuou a perguntar:

– Será que alguém comeu pupunha fria?

Não houve resposta.

Naquele aldeia não se podia comer certas espécies de frutos frios, pois eles acreditavam que, se a regra fosse rompida, despertaria a fúria dos deuses dos frutos que, então, os condenariam a viver no mundo encantado das águas. Todos estavam amedrontados. O chefe continuou:

– Não é verdade! Alguém deve ser o culpado, precisamos nos reunir, vou chamar todos os pajés para investigar o que está acontecendo.

Em seguida, ele pediu para que alguns membros da maloca chamassem os pajés da redondeza e assim foi feito. Enquanto isso, Kali continuava quieta, observando tudo e todos, fora da maloca.

Com a chegada dos pajés a cerimônia iniciou-se: ervas, resina, breu, para defumação. Todos foram purificados pela fumaça, mas não conseguiram constatar nenhum culpado na maloca.

Segundo a tradição da maloca, a aparição de uma moça branca de cabelos negros e longos era sinal de morte para todos que a vissem, porque pessoas com essas características pertenciam ao Mundo dos Encantados das Águas. Os seres das cidades do fundo do rio eram vistos como mais perigosos do que aqueles do Mundo Encantado da Floresta. Finalmente, conforme já contamos, esse tipo de gente só aparecia para os que não fossem protegidos pelos encantamentos dos pajés.

A questão era encontrar uma explicação para o aparecimento da bela Kali naquela maloca. Isso estava tão difícil que a única forma que encontraram para lidar com o medo dos castigos da moça encantada foi transformá-la em um deles. E então trouxeram a moça junto aos pajés para a cerimônia da transformação. Colocaram-na sentada no meio da maloca. Primeiro defumaram o seu corpo com resina de breu, em seguida, deram-lhe um banho com as ervas perfumadas e, finalmente, frutas benzidas para comer. E assim, Kali começou a viver na maloca. Alguns membros da maloca não acha-

ram bom de início, mas com o tempo acabaram se acostumando. A jovem vivia feliz convivendo com os humanos sempre seguindo as tradições deles, pois os efeitos dos encantamentos faziam com que Kali se esquecesse totalmente do Mundo das Águas.

Na maloca, havia muitas moças lindas e rapazes bonitos. Certo dia, as moças começaram a se incomodar com a presença de Kali. Pois ela conquistava os corações dos rapazes. Entre esses tantos moços, havia Taiwano. Um rapaz lindo que também se deixou ser seduzido por ela. Ele era o mais cobiçado entre as moças. Os dois começaram a gostar um do outro, e acabaram namorando.

Taiwano sempre saía com Kali para as praias, tocando sua flauta. Era um som suave que a deixava muito feliz. Tudo ia bem, quando as outras moças começaram a inventar estórias de Taiwano para Kali. Elas diziam para ela que ele tinha outras mulheres.

Um dia, Kali cansou-se de ouvir o que as outras jovens lhe diziam e resolveu partir sem deixar notícias. Numa noite de luar, enquanto todos dormiam, ela saiu devagar e muito triste por ter que deixar aquele lugar. Ficou olhando alguns minutos Taiwano e, em seguida, partiu.

Ao amanhecer, Taiwano notou a ausência de Kali e, assustado, saiu à sua procura, mas não a encontrou. Perguntou aos velhos, aos jovens e às crianças se alguém a tinha visto. Mas ninguém sabia de seu paradeiro. Enrriestecido, Taiwano começou a percorrer o Mundo dos Humanos em busca de sua querida Kali. Encontrou milhares de cidades, mas sem sucesso de notícia. Desapontado, resolveu voltar cruzando os rios e mares e, por fim, o Mundo Encantado da Floresta.

O mundo da floresta era alegre, as árvores, os insetos, os animais e as aves falavam sem parar, mas quando viram Taiwano ficaram em silêncio. De repente, Tawali, o pássaro animador, aproximou-se:

– Caro jovem Taiwano. Sei de suas saudades. Se você quiser encontrar sua querida, vá até a cidade de Temendawi e procure Téewa, a Avó dos Urubus, pois ela lhe revelará o paradeiro da jovem.

Ao terminar de dizer essas palavras, a ave voou em disparada. Taiwano pediu-lhe que voltasse, mas ela desapareceu. E a notícia o motivou ainda mais a procurá-la.

No Mundo Encantado das Florestas as folhas ajudaram Taiwano a encontrar a Téewa em sua caverna. Assim que a viu, contou-lhe sua história e disse-lhe que havia procurado Kali por todas as cidades dos humanos, inutilmente. A única notícia que recebeu no Mundo da Floresta era que Kali estaria na Cidade de Temendawi. Após ouvi-lo, a ave Téewa disse:

– Existem várias cidades no Mundo Encantado das Águas, mas nunca ouvi falar de Temendawi, mesmo assim talvez meus netos possam ajudá-lo. Então, ela pediu para que o jovem esperasse, pois seus netos costumavam chegar ao entardecer.

A tarde se aproximou, os grilos e outros bichinhos da noite começaram a cantar. E logo chegou o primeiro neto. Era um Urubu Branco, muito grande, que pousou na porta da caverna. A velha contou-lhe a história de Taiwano e perguntou ao neto se ele conhecia a tal cidade.

– Não conheço esse lugar, não – respondeu a ave – nunca ouvi falar.

Diante dessa resposta, Taiwano ficou triste. Nisso, a Velha Téewa logo o animou dizendo: – Meu jovem, espere, tenho outro neto, vamos aguardá-lo.

E assim ficaram esperando. Passado longos minutos, chegou o outro neto. Era um Urubu Marrom, que ao ser interrogado pela sua avó respondeu:

– Ando o mundo de norte a sul, conheço milhares de cidades. Eu nunca ouvi falar da existência da cidade de Temendawi.

Taiwano ficou ainda mais desanimado. Nisso, a Velha lhe disse:

– Bem, só falta um neto chegar, se ele não souber onde fica a cidade, é melhor esquecê-la e recomeçar uma nova vida. Existem muitas moças bonitas de bom coração que você poderá encontrar. Esse neto que falta chegar é trabalhador e tem ótimo temperamento. Todas as pessoas que o conhecem gostam dele e, por onde ele passa, ajuda quem precisa. Por isso, ele não pára em um único lugar, sempre tem afazeres em vários mundos. Ele costuma chegar quando já está escuro. Vamos esperar, falou a Velha Sábida.

Já estava escuro quando ouviram chegar o neto. Taiwano, ao vê-lo, e ficou admirado com o tamanho dele, pois ele era um urubu maior que os outros dois e tinha uma das pernas machucada, suas penas eram tão bonitas, todas pretas e brilhantes. Ao pousar, foi andando lentamente por causa de sua perna e, como de costume, sua Avó o recebeu muito bem, e aproximaram-se dele. E começaram novamente a contar toda a história de Taiwano. O Urubu ficou ouvindo atentamente, e quando terminaram disse:

– Eu conheço o mundo todo e também lugares de outro mundo e todos os dias visito todas elas. Quanto à Cidade Temendawi, eu a conheço, todos os dias vou lá.

Naquele instante, o coração de Taiwano palpitou de alegria e continuou admirado ouvindo-o e perguntou: – Essa cidade fica muito distante?

O Urubu respondeu: Sim, é muito longe, por isso que demoro a voltar para casa. Amanhã será um dia especial lá, haverá o casamento da filha do cacique, e com certeza irão muitas pessoas, pois a comida será farta. Se quer ir, eu posso levá-lo, mas é muito longe. Logo Taiwano respondeu:

– Sim. Eu quero ir, não importa o tempo que dure a viagem! Então, o Urubu recomendou:

– Você terá que matar duas antas e encher dois potes grandes de água. E durante a viagem, quando eu pedir água, você me dará carne e quando eu disser carne, me dará água. Se errar, vou jogar você do alto e você morrerá. Taiwano entendeu e foi logo procurar o que o Urubu havia pedido.

No dia seguinte, Taiwano arrumou tudo que era necessário. E reencontrou o Urubu, que lhe explicou:

– São sete planetas para chegar até lá. Em cada planeta que passarmos você terá que fechar os olhos. Assim que terminou a explicação, Taiwano montou no Urubu e iniciou a longa viagem.

E, à medida que passava de um planeta ao outro, o Urubu pedia para que fechasse os olhos e Taiwano assim o fazia. Quando já faltavam dois planetas, a carne estava quase no fim, mas o Urubu continuava a pedir:

– Mais água... carne...carne... água...

E, finalmente, o Urubu disse:

– Agora feche muito bem os olhos porque esse é o último planeta.

Em cada planeta que eles passavam havia um barulho estranho, como se as portas enormes estivessem abrindo. No último planeta, o barulho foi mais intenso que em todos os outros e logo Taiwano ficou com medo.

Após a passagem do último lugar, restava só um pedacinho de carne. E logo a carne acabou. E agora? Pensou Taiwano. Se eu não der o que ele pedir, ele irá me jogar e eu morrerei. Nisso, olhou para suas coxas. E o urubu continuou:

– Mais água!

Nisso, o jovem não esperou, começou a cortar a carne de sua própria coxa. E foi cortando a cada pedido, já estava quase sem quando o urubu disse:

– Já estamos chegando perto. Podemos avistar a pequena cidade. Daqui a algumas horas já estaremos lá.

Então, após algumas horas, Taiwano avistou ao longe um campo e o urubu foi aproximando e pousou nesse local, que era afastado da cidade. Assim que desceu disse a Taiwano:

– Pode ir aonde quiser, já chegamos, eu vou ficar por aqui mesmo para esperar a comida. Mas Taiwano não podia andar. O Urubu admirado perguntou o que tinha acontecido. E ele respondeu:

– Fiquei com medo que você me jogasse lá de cima e quando a carne terminou comeci a tirar minha própria carne e dei a você.

– Então, por que não me disse? – retrucou o Urubu e, em seguida, logo começou a cuspir e assim vomitou toda a carne.

Os retalhos de carne foram sendo colados aos pedacinhos até completar toda a perna de Taiwano. Assim que isso terminou, a perna voltou ao normal e ele começou a andar. Em seguida, o Urubu disse:

– Vá, que eu ficarei por aqui.

Obedecendo às palavras do Urubu, Taiwano partiu para o centro da cidade.

Taiwano aproximou-se de uma pracinha e ficou sentado. Muitas crianças corriam alegremente e uma delas percebeu que aquele velhinho era novo na cidade. Isso porque sua viagem foi tão longa que a velhice já havia tomado conta dele. Pois no mundo dos humanos a velhice toma conta de todos, mas Taiwano não percebia.

As crianças aproximaram-se do Velhinho e lhe perguntaram:

– Vovô, o que está fazendo? Por que está triste?

Espantado porque o chamaram de Vovô, Taiwano lhes disse:

– Há muito tempo estou à procura de uma moça e até agora não a encontrei, é por isso que estou triste.

As crianças disseram:

– Hoje à noite vai ter o casamento da filha do chefe e lá estarão presentes muitas moças, quem sabe o senhor pode encontrá-la. Nós vamos levá-lo até lá. Taiwano aceitou e ficou esperando o anoitecer.

E assim as crianças o levaram até a casa do Chefe. Era uma casa muito bonita e grande, com dois andares. No andar de cima ficavam os convidados ilustres e embaixo todos que não eram considerados importantes. O velho Taiwano ficou no andar de baixo. Na cidade de Temendawi era costume fazer festa antes da cerimônia de casamento. A festa no andar de cima estava muito animada. E embaixo, ao contrário, a reunião estava bem desanimada. Nisso, as crianças perguntaram ao Velho se ele sabia tocar algum instrumento. Ele respondeu:

– Sim, quando era jovem eu tocava flauta.

Imediatamente as crianças providenciaram uma flauta e assim ele começou a animar a festa. Ela ficou tão alegre que os convidados ilustres começaram a descer para o andar de baixo. Permaneceram no andar de cima somente a família do cacique e seus membros. O Cacique, preocupado, pediu que um dos membros fosse averiguar quem estava animando a festa. E assim foi feito. O enviado, ao descer a escada, observou que o animador da festa era um velhinho. Então, contou ao Cacique que pediu imediatamente que o levasse à sua presença para que animasse a festa no andar de cima. Assim foi feito. Ao chegar próximo do Cacique, Taiwano viu que a filha dele era Kali, mas ela não o reconheceu, pois estava velho e ela continuava jovem. Ele ficou inquieto pela situação. E

teve a idéia de tocar uma música que ele costumava tocar quando eles estavam namorando. Kali, ao ouvir a música, percebeu que aquele velhinho era Taiwano. Logo falou para seu pai que não queria casar com o seu noivo prometido, mas que ajudasse Taiwano a se tornar jovem. O pai concordou e logo providenciou uma bebida secreta e Kali levou até o velho e, assim que ele tomou, se transformou em jovem. Assim os dois se casaram e Taiwano passou a viver na cidade encantada das Águas. E na aldeia no Mundo dos Humanos, o sábio Pajé, com seus poderes e rituais mágicos, conseguia ver Taiwano e contava a história para seu povo. (Texto revisado por Heloisa)

“Sou membro do Núcleo de Escritores Indígenas NEARIn - INBRAPI. Estudei o ensino fundamental em Santa Isabel do Rio Negro e, em seguida, fiz o Magistério em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Graduei-me no Curso de Graduação no Curso Normal Superior na Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Hoje sou acadêmica no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas



da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Trabalhei como professora na Escola de Santa Isabel do Rio Negro, D. João Marchese, na Escola D. Miguel Alagna e, atualmente, leciono no Colégio São Gabriel, no município de São Gabriel da Cachoeira.

Dediquei uma parte do meu tempo a trabalhos sociais na Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, ocupando o cargo de diretora, e também coordenei o departamento de educação e de mulheres indígenas. Ministrei palestras sobre educação indígena na Noruega, no Equador e no Novo México. Participei de congressos e seminários de educação em Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo.

Ter vencido o Concurso FNLIJ Tamoiós-2008 foi extremamente importante, pois esta oportunidade que a FNLIJ e o Inbrapi nos proporcionam nos motiva a continuar trilhando nos caminhos da escrita. Como autora indígena, considero o prêmio uma porta de entrada ao mundo acadêmico brasileiro de literatura. Sendo que minha primeira academia foi sentada no banquinho ao lado de meu velho avô, ouvindo suas longas histórias, mitos, contos, e depois do meu pai e da minha querida mãe, que ao anoitecer, enquanto embalávamos na rede, começavam a contar as mais belas histórias, dentre as quais minha imaginação criava personagens fantásticos que hoje me trazem inspiração para escrever e levar ao público brasileiro a literatura indígena. Ter sido a vencedora do prêmio possibilitou-me chegar ao público infantil, juvenil e a outros tantos, resultado da junção entre minha primeira academia com a do mundo ocidental. A porta de entrada do mundo acadêmico brasileiro está sendo gratificante” (Rosi Waikhon, do Povo indígena Piratapuya).

Pequeno catálogo literário de obras de autores indígenas

O *Pequeno catálogo literário de obras de autores indígenas*, editado pelo NEArIn/INBRAPI, com patrocínio da editora Global, reúne uma amostra significativa da produção editorial de obras literárias de escritores indígenas voltadas para crianças e jovens.

No texto de apresentação, os organizadores – Daniel Munduruku, diretor-presidente do Inbrapi; Cristino Wapixana, vice-coordenador do NEArIn; Rosi Waikhon, secretária geral do NEArIn e Wasiry Guará, articulador político do NEArIn destacam que “até muito pouco tempo atrás não se imaginava que haveria uma demanda tão grande com relação a uma literatura étnica. Isso é um sinal dos novos tempos que estamos vivendo. (...) Trata-se de uma realidade nova que foi ganhando corpo na medida em que autores indígenas iam surgindo, apresentando uma literatura de qualidade capaz de transformar a realidade”.

Os autores e lideranças indígenas também esclarecem que a visibilidade da literatura produzida por eles, hoje, “é reflexo de uma conquista alcançada passo a passo e que traz o esforço e a vida de muitos antepassados que lutaram bravamente para que isso acontecesse. Esta é uma realidade que os autores indígenas não podem e não devem esquecer: estamos desfrutando do resultado de muitas lutas anteriores”. E afirmam, com muita propriedade: “Hoje temos a escrita a nosso favor. Temos a literatura que fazemos para contar de próprio punho as histórias que alimentam nossas vidas. Temos o papel para não deixarmos escapar as palavras sábias de nossos avôs e avós. Temos a tinta com a qual poderemos fixar no tempo e no espaço os desenhos que figuram na memória ancestral de nossa gente há muito tempo e cujas imagens nos falam dos caminhos percorridos até os dias de hoje.”

Os livros do catálogo foram organizados para apresentar os indígenas que estão se destacando no cenário literário e também para mostrar aqueles e aquelas que, mesmo tendo publicado um único livro, oferecem uma importante contribuição para a melhor compreensão do universo indígena a que pertencem.

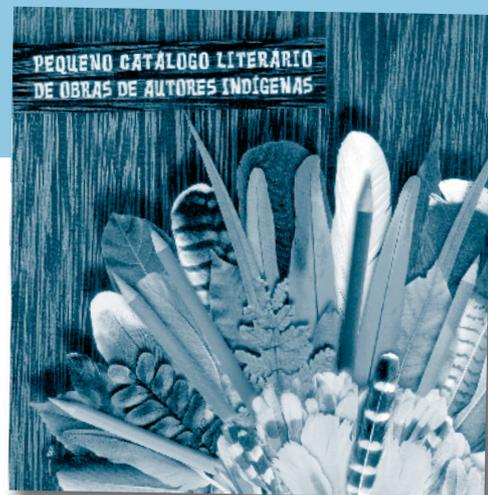
Os organizadores dedicam este trabalho aos educadores: “Esta é uma contribuição que o NEArIn – Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do INBRAPI – oferece aos educadores brasileiros com a intenção de agrupar a produção literária indígena num único volume. (...) Desejamos que nossos leitores possam ter aqui um referencial positivo e desenvolvam um olhar crítico sobre a

diversidade cultural e lingüística que existe em nosso país. E, principalmente, possam nos perceber como aliados na árdua tarefa de construir um Brasil melhor para todos nós. E também uma contribuição para a sociedade no sentido de agrupar estas obras no momento em que as escolas brasileiras têm a obrigação de oferecer aos estudantes uma visão crítica sobre a cultura indígena brasileira. Certamente começar pela leitura de obras de autores indígenas é um bom começo”.

Um agradecimento especial é feito à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ – “que desde o início do NEArIn tem sido uma parceira presente no sentido da divulgação das nossas ações, das obras de autoria indígena, do reconhecimento da qualidade literária de nossas publicações e na criação dos concursos Tamoios de textos de autorias indígenas e Curumim, concurso que incentiva a leitura das obras de autoria indígena”. Também agradecem à Fundação Ford, parceira na realização dos Encontros Nacionais de Escritores Indígenas, realizados em quatro edições do Salão FNLIJ do Livro, à Agência de Cooperação Norueguesa – NORAD; ao Instituto C&A, às editoras Callis e Brinque Book, por divulgarem o Concurso Tamoios e à Editora Global, pela impressão do catálogo.

O coordenador do *Pequeno catálogo literário de obras de autores indígenas* é Daniel Munduruku, diretor-presidente do INBRAPI. O belo projeto gráfico foi feito por Maurício Negro e Eduardo Okuno e as ilustrações são de Justino Tuyuka. Rosi Waikhon - Secretária geral do NEArIn e uma das organizadoras do catálogo, é a vencedora do **5º Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas**. Seu texto “**Kali e Taiwano no Mundo Encantado das Águas**” pode ser conhecido nesta edição do *Notícias*.

Para mais informações sobre o catálogo, entrar em contato com o INBRAPI: Telefone: 55 613033-7019; Fax: 55 11 3033-7198. E-mail: inbrapi@inbrapi.org.br. Site: www.inbrapi.org.br



Revista Crescer aponta os 30 melhores livros infantis do ano

A edição de junho da revista Crescer, da Editora Globo, traz uma lista muito especial — Os 30 Melhores Livros Infantis do Ano. Elaborada por especialistas, pelo 3º ano consecutivo, a lista tem por objetivo “ajudar pais, mães e todos que se interessam pelo universo infantil a encontrar os títulos mais interessantes lançados no último ano nas livrarias do Brasil.”

Para esta edição, foram convidados 38 jurados, divulgados na página 62 da revista, todos especialistas no assunto.

O processo de seleção foi feito da seguinte forma: os especialistas escolheram os 10 livros que acharam mais interessantes e os editores tabularam os resultados e chegaram à lista final, com os 30 mais

votados. Depois da seleção, foram elaboradas as resenhas de cada livro, com indicação de idade.

Cristiane Rogerio, editora-assistente de Educação e Cultura, é a responsável pelo trabalho, junto com a repórter Marina Vidigal. Foi feita uma edição bem cuidada, com a reprodução das capas dos livros, ilustrações, entrevistas. Um verdadeiro convite à leitura!

Cynthia Maria Campelo Rodrigues, Elizabeth D’Angelo Serra, Isis Valéria Gomes e Laura Sandroni, votantes da FNLIJ, foram algumas das especialistas convidadas para fazer esta seleção.

Caso a revista não seja encontrada nas bancas, entre no site www.crescer.globo.com para saber mais informações.

Daniel Munduruku recebe o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil 2008

Com o livro *O olho bom do menino*, editado pela Brinque Book, o escritor Daniel Munduruku foi o vencedor do Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil 2008.

Em solenidade realizada no Salão Nobre de Petit Trianon, na Academia Brasileira de Letras, no dia 17 de julho, foram entregues os Prêmios Literários de 2008 aos vencedores em todas as categorias. O escritor Autran Dourado recebeu o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

A sessão foi presidida pelo acadêmico Cícero Sandroni, presidente da ABL, e teve como orador oficial o acadêmico Marcos Vilaça.

Também foram entregues os Prêmios ABL: de Poesia; de Ficção, Romance, Teatro e Conto; de Ensaio, Crítica e História Literária; de Tradução; de Cinema e o Prêmio Francisco Alves (para as Áreas de Educação e Língua Portuguesa). Outra homenagem na cerimônia foi a antropóloga Lília Moritz Schwarcz, que é editora e faz parte do Conselho Consultivo da FNLIJ. Ela recebeu a medalha João Ribeiro, por “serviços prestados à cultura”.

Como parte das comemorações do Ano Machado de Assis, no centenário da morte do escritor, que foi um dos fundadores e o primeiro presidente da ABL, também no dia 17 de julho a atriz Fernanda Montenegro representou Capitú, personagem de *Dom Casmurro*, no teatro da Acade-

mia, fazendo uma leitura adaptada do livro *Capitú, memórias póstumas*, do acadêmico Domício Proença Filho.

Sobre Daniel Munduruku

O escritor Daniel Munduruku é formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia e doutorando em Educação na USP. É diretor-presidente do INBRAPI, instituição parceira da FNLIJ na realização de quatro edições do Encontro de Escritores Indígenas, evento paralelo aos Salões do Livro FNLIJ, e também parceira na promoção do Concurso FNLIJ Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas e do Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. É autor de mais de 30 livros, voltados ao público infantil e juvenil. Seu livro *Meu vô Apolinário*, editado pela Studio Nobel, recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Literatura para Crianças e Jovens na Questão da Tolerância, da Unesco.

Para mais informações sobre os Prêmios Literários de 2008 e sobre os eventos deste dia de comemorações, consulte o site da Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br

Sobre o livro *O olho bom do menino*, de Daniel Munduruku, com ilustrações de Rubens Matuck, consulte o site da Brinque Book: www.brinquebook.com.br

Também consulte o site do autor: www.danielmunduruku.com.br



O Jornal do Brasil de 18 de julho de 2008, no Caderno Cidade, deu destaque especial às comemorações do 111º aniversário da ABL, e comentou a premiação do escritor Daniel Munduruku. Na reportagem de Juliana Krapp, com o título “Escritor infanto-juvenil é primeiro indígena a receber prêmio”, Daniel Munduruku, que recebeu o prêmio das mãos do acadêmico Arnaldo Niskier, observou: “Muito antes de ser um escritor, eu já era um contador de histórias. Na verdade, contar histórias é tão natural que a gente nem percebe. A escrita é um aprendizado, que aconteceu comigo de forma surpreendente. Mas a arte de contar histórias está por toda parte.”

Revista *Ciência Hoje das Crianças* divulga escritores indígenas

Na edição de junho de 2008, a revista *Ciência Hoje das Crianças*, editada pelo Instituto Ciência Hoje, organização social que faz parte da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, publicou o artigo “Escritores nas aldeias”, de Ninfa Parreiras, da FNLIJ.

Ninfa destaca a presença dos escritores indígenas na literatura para crianças e jovens, com a publicação de livros de Daniel Munduruku e de tantos outros autores:

“Recentemente, na década de 1990, uma das primeiras obras de um autor indígena foi publicada e comercializada para

crianças e adolescentes. *Histórias de índio*, escrita por Daniel Munduruku e publicada pela editora Companhia das Letrinhas, inaugurou um espaço no mercado de livros, nas bibliotecas, nas escolas, nas livrarias. A partir desse primeiro trabalho, vieram dezenas de outras obras do escritor, hoje premiado e consagrado pelo público infantil, juvenil e adulto.

Além de apresentar histórias do seu povo, o Munduruku, do estado do Pará, Daniel também colocou no papel lendas e mitos de outros grupos nativos brasileiros.” (...)

Ninfa Parreiras comenta sobre os livros de outros escritores indígenas, como Ya-

guaré Yamã, Olívio Jekupé e Kaká Werá Jekupé. E observa: “Poder ler as histórias escritas e recontadas pelos indígenas é um privilégio para todos nós. Isso porque, por meio dessas obras, podemos conhecer povos cheios de experiências e de sabedoria.”

Para conhecer o artigo completo, que traz fotos dos autores indígenas, capas de livros e muitas outras informações interessantes sobre este tema, entre em contato com o Instituto Ciência Hoje e solicite o número 121, Ano 21, de junho de 2008. E-mail: chc@cienciahoje.org.br

Confira também a edição CH on-line: www.ciencia.org.br

Semear horizontes – uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Gabriela Pellegrino Soares. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Este livro analisa a construção de um espaço de produção e circulação de obras literárias para crianças na Argentina e no Brasil, no período compreendido entre 1915 e 1954. E, como o próprio título anuncia, delinea amplos horizontes de reflexão sobre a temática escolhida.

Na excelente apresentação da obra, elaborada por Maria Ligia Coelho Prado, professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo e orientadora da Tese de Doutorado da autora, que deu origem ao livro, podemos encontrar os elementos centrais que nortearam a pesquisa de Gabriela Pellegrino Soares:

“A chave de leitura para a compreensão deste texto é a perspectiva de sua flexibilidade e pluralidade. Uma extensa gama de questões e de problemas vão se entrelaçando, indicando que a autora, na construção de seu tema, optou por uma abordagem complexa envolvendo vários núcleos que compõem seu objeto de estudo. A pesquisa sobre literatura infantil se liga às necessidades da produção material do livro e de seus vínculos com as editoras e o mercado; também se relaciona com a concepção de infância e com as discussões sobre educação escolar nela envolvidas. Por outro lado, privilegia a atuação dos mediadores culturais responsáveis pela eleição dos livros, pela organização de coleções e pela criação de bibliotecas infantis. Debruça-se, ainda, sobre a produção de alguns escritores eleitos e de suas principais obras, ainda que a autora não tenha por objetivo apresentar uma análise sistemática dos conteúdos dos livros e das trajetórias de seus autores. Desse modo, a literatura infantil é o ponto de partida para o estabelecimento de uma ampla rede de relações que busca amarrar as várias pontas da temática, que está ancorada no espaço e no tempo e se reveste das especificidades culturais próprias de cada um dos dois países estudados. (...) Segundo a autora da pesquisa, os problemas centrais que guiaram a elaboração do trabalho referem-se ao papel atribuído às leituras literárias na formação das crianças e à natureza dos repertórios literários colocados em circulação para esse público”.

Na análise do tema, Gabriela Pellegrino optou por trabalhar comparativamente duas sociedades, a argentina e a brasileira, e dialogou com autores conceituados que se dedicam à história do livro e da leitura — como Roger Chartier, que já foi traduzido e é bastante conhecido em nosso país.

O livro divide-se em duas partes: a primeira se dedica à literatura e à formação infantil, e a segunda analisa as mediações que são necessárias para a formação de leitores. Na identificação das trajetórias conceituais e dos autores, Gabriela Pellegrino se detém na produção de autores emblemáticos, como Monteiro Lobato, no Brasil, o escritor uruguaio, radicado na Argentina, Horacio Quiroga, e o argentino José Hernández, autor do famoso *Martín Fierro*, considerado um verdadeiro “poema épico”, essencial para a formação da nacionalidade dos argentinos. O escritor argentino José Javier Villafañe, criador de um conceituado teatro de títeres, recebe destaque especial no livro. A pesquisadora comenta a influência deste artista, autor de *Títeres de la Andariega*, na obra da maior autora de teatro infantil de nosso país, Maria Clara Machado.

Os mediadores culturais no Brasil e na Argentina – indivíduos ou

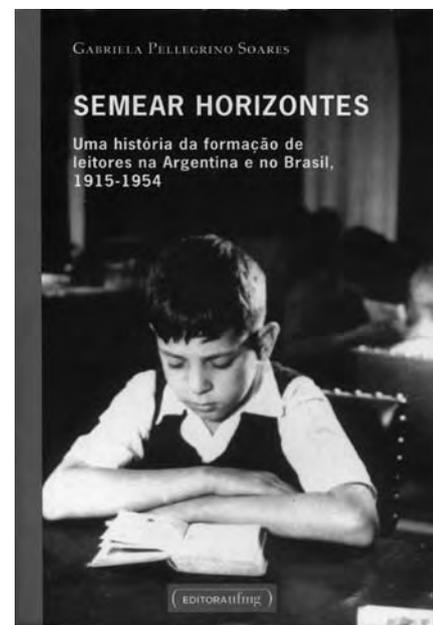
instituições que promoveram a produção ou a circulação de textos literários e buscaram selecionar as obras consideradas apropriadas para este público leitor – são temas da segunda parte do livro, que também aborda as políticas públicas voltadas para a leitura infantil, nos dois países em questão.

O papel das bibliotecas e sua disseminação – muito maior na Argentina do que em nosso país, como comprova a pesquisadora – também é analisado. Na Argentina, ela comenta a Seção Infantil da Biblioteca Nacional de Maestros, e no Brasil, a Biblioteca Infantil de São Paulo.

Dois mediadoras são mostradas de maneira especial: a chilena Gabriela Mistral, que teve atuação marcante na Argentina, e a brasileira Cecília Meireles. As duas eram poetisas e escritoras e “defendiam, para as crianças, uma formação imaginativa e desinteressada, rica em significados plurais. Contrapunham-se à idéia de uma formação dirigida à pedagogia pragmática, escolar, com determinados fins e objetivos educacionais”. A pesquisadora dedica um capítulo ao educador Lourenço Filho, consultor da Editora Melhoramentos, que foi diretor do Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, no período de 1931 a 1935, cujos pareceres “demonstravam que suas escolhas passavam por critérios educacionais, estéticos e também comerciais.” Vale lembrar que a Melhoramentos foi pioneira no Brasil no campo das publicações dedicadas especialmente às crianças.

Em relação a Lobato, a opinião da pesquisadora vai ao encontro de tudo o que já disseram as fundadoras da FNLIJ, e que reafirmam tantos autores e especialistas em LIJ: “ele confere à criança um lugar central, respeitando seu mundo”. E Gabriela Pellegrino destaca: “Nos livros infantis de Lobato, abundam cenas de questionamento às verdades estabelecidas, de confronto de pontos de vista, as quais convidam o leitor a buscar definir o seu próprio, percorrendo trajetórias intelectualmente sinuosas. Reflexão, crítica, imaginação, criatividade, senso estético e iniciativa conjugam-se diferentemente em suas personagens, que afirmam cada uma a sua individualidade, a sua maneira de ver o mundo e conduzir-se.” E conclui, com muita propriedade: “até hoje, a literatura infantil brasileira continua devedora de Lobato e tem aprofundado e ramificado sendas trilhadas primordialmente pelo escritor”.

Gabriela Pellegrino Soares é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutora pelo Colégio de México. O livro *Semear horizontes – uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954* pode ser consultado pelos sócios no CEDOP/FNLIJ. Para mais informações sobre a obra, de grande relevância para todos os que atuam em projetos de formação de leitores ou que promovem as políticas públicas neste setor, acessar o site: www.editora.ufmg.br



Tigre Albino divulga poesia infantil nas escolas

O periódico eletrônico *Tigre Albino*, lançado em 15 de novembro de 2007, coloca em discussão a poesia para crianças e jovens. É editado por uma pequena equipe de voluntários, sem apoios institucionais. Seus editores são Sergio Capparelli, professor e escritor, premiado autor de livros de literatura para crianças e jovens, Maria da Glória Bordini, doutora em Letras, que leciona no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e Regina Zilberman, professora colaboradora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora pesquisadora na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Também são editores: Annete Baldi, diretora da editora Projeto, de Porto Alegre, Elizabeth D'Angelo Serra, secretária geral da FNLIJ, e Miguel Rettenmaier, que é professor e coordena o mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

A revista conta com um conselho editorial, do qual fazem parte personalidades renomadas na área de leitura e literatura. Já foram feitas três publicações: no dia 15 de novembro de 2007, 15 de março de 2008 e 15 julho de 2008.

Como já divulgamos no *Notícias*, a revista *Tigre Albino* é dividida em seções, cada uma delas com o objetivo. Elizabeth D'Angelo Serra, da FNLIJ, é responsável pela seção **Tigre em movimento**, que apresenta o relato de trabalhos práticos com poesia infantil em qualquer nível educacional. Na edição de 15 de novembro de 2007, a primeira da revista, a convidada foi Silvana Martins, da Escola Estadual Professora Malba Campaner, de São José dos Campos, que apresentou o relato de uma experiência com poesia dentro da sala de aula – *Semeando poesia: vivências de uma 4ª série*. Silvana Martins ganhou, em 2007, o 1º lugar no 12º Concurso FNLIJ - Petrobras Os Melhores Progra-

mas de Incentivo à Leitura. O relato de sua experiência, que já comentamos no *Notícias*, é um testemunho eloqüente de como a formação competente do professor é o caminho para despertar nos alunos o interesse pela leitura e pela escrita. Outro ponto a destacar é o fato de ela ter usado os livros que estão nas escolas, como os da coleção *Literatura em minha casa*.

No *Tigre Albino 2*, de 15 de março de 2008, a convidada para a seção **Tigre em movimento** foi a Profa. Zélia Isabel de Melo Pires, diretora da escola Profa. Odaléia O. M. de Azevedo, da cidade de Muriaé, Minas Gerais, que apresentou os resultados animadores de projetos de incentivo à leitura de poesia, dos quais participam o corpo docente e discente, em expressiva união com a comunidade. A partir de poemas de Roseana Murray, a escola tem conseguido mobilizar a cidade para a descoberta do prazer do texto poético e propõe que o exemplo seja seguido.

No *Tigre Albino 3*, de 15 de julho de 2008, a seção **Tigre em movimento** trouxe o texto "A poesia da memória em Adélia Prado: leituras com crianças e adolescentes". Neste relato, a especialista em literatura para crianças e jovens e votante da FNLIJ Vânia Rezende oferece um belo texto descrevendo suas experiências de leituras em cinco turmas do Ensino Fundamental e Médio, em Uberaba, Minas Gerais. Ela mostra como "a poesia pode se revelar um caminho para uma educação da sensibilidade e que a leitura literária, mediada por mestres leitores, possibilita que a palavra e o pensamento ganhem horizontes mais amplos, enriquecendo o olhar sobre o viver".

Para conhecer os relatos destas experiências e os textos das demais seções do periódico eletrônico *Tigre Albino* entre no site da FNLIJ – www.fnlij.org.br – que tem um link com esta interessante e convidativa publicação.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agência RIFF, Agir, Alis, Artes e Ofícios, Ática, Autêntica, Ave Maria, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Dueto Editora, Edelbra, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Florescer, Forense, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil Edições, Global, Globo, Gryphus, Guanabara Koogan, Iluminuras, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Leitura, L&PM, Maco, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Moderna, MR Bens Editora, Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Pinakothek Artes, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Rocco, Roda Viva, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, Siciliano, SM, SNEL, Studio Nobel, Zit.

EXPEDIENTE • Fitolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani e Cláudia Pinto • Diagramação: Zero Produções

Gestão FNLIJ 2008-2011 • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lígia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares. • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: 21 2262-9130

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: informacao@fnlij.org.br